



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

AS MANOBRAS SALAZARISTAS,

E AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

COMO o Partido Comunista desde há muito vem assinando, o governo de Salazar, pressionado pelos acontecimentos internos e externos, tem a necessidade de fazer manobras de tipo democrático para iludir a opinião pública mundial...

2.ª - Abertura de novo Recenseamento Eleitoral.

3.ª - Direito de a Oposição compartilhar na constituição das mesas eleitorais e na fiscalização dos votos.

Com o preenchimento destas condições mínimas, nenhum democrata, nenhum português honrado deve compartilhar nas eleições...

sua acção no sentido de convencer parte da oposição a que compartilhasse nelas, apresentando o seu candidato, mesmo nas condições presentes. A sua tática é a mesma: dividir para aniquilar. Por outro lado, intensifica a sua acção repressiva, prende democratas, mata e espanca e continua a manter o Camarado de Concentração do Tarrafal...

A esta ofensiva por parte da reacção fascista, as forças democráticas não podem nem devem responder com vacilações ou com posições dúcteis, mas sim com firmeza e integradas num mesmo objectivo comum.

As eleições para a presidência da República, abrem novas condições de luta para as forças de Oposição Democrática. Por isso, devem ser aproveitadas.

De que forma? Unindo-se, para iniciar, desde já, uma vasta campanha de agitação e propaganda, onde se exijam ao salazarismo as condições atrás apontadas, como condição prévia para a participação dos democratas portugueses nessas eleições.

Isto deve ser o primeiro passo a dar pelas forças de Oposição Democrática, e não parte desde já para a escolha e apresentação de um candidato da Oposição sem que nenhum passo ainda venha sendo dado para forçar o próprio fascismo a conceder essas condições mínimas, o que pode criar entre as próprias forças democráticas a ideia de que se deve ir às eleições nas condições actuais impostas pelo salazarismo, quando o que se impõe é combater esta ideia com toda a energia.

A próxima eleição para a presidência da República servirá ao salazarismo para uma dessas manobras. De que forma? Permitindo que outro candidato concorra às eleições além do indicado pelo próprio salazarismo, dando assim ao exterior a ideia de que a oposição ao regime goza de plena liberdade.

Qual deve ser o papel do verdadeiro democrata, do verdadeiro antifascista? Deve prestar-se a essa manobra salazarista indo às eleições ou não deverá participar nelas?

O Partido Comunista defende o ponto de vista de que, nenhum verdadeiro democrata, nenhum verdadeiro antifascista deve participar nessas eleições nem se deve apresentar qualquer candidato a não ser que três condições fundamentais sejam concedidas:

1.ª - Completa liberdade para a organização de todos os Partidos políticos, para o MUD, para a imprensa, para reuniões, etc., que permitam a agitação e propagação do candidato da oposição, alguns meses antes das eleições.

Comparticipação nas eleições, sem a concessão dessas condições, seria a derrota inevitável das forças da oposição democrática e a vitória certa do salazarismo, pois a maioria dos elementos democráticos não se encontram sujeitos a minor fraude e não poderiam ser consideradas eleições livres.

Os democratas portugueses têm um exemplo bastante concreto com o que aconteceu ao Povo Grego.

A tática seguida pela reacção fascista mundial, em toda a parte, está sendo a intensificação da sua acção no sentido de dividir as forças democráticas, principalmente a classe operária, como força mais combativa. Ela sabe que, conseguida essa divisão, fácil será para ela continuar a manter o seu domínio e aniquilar todo o movimento oposicionista consequente.

E por isso que, à medida que a data para as eleições presidenciais se vai aproximando, o salazarismo arrastará dos seus agentes, como Botelho Moniz etc., intensifica a

A CLASSE OPERÁRIA LUTA contra a exploração fascista

CONTRA a crise geral que se aproxima e a crescente exploração de que são vítimas, os operários, através das suas Comissões de Unidade, Concentrações, Junta do patronato, dos Sindicatos Nacionais e autoridades fascistas, continuam na luta pela conquista de melhores condições de vida e pela defesa das reivindicações, igualmente conquistadas pela luta, que o fascismo e o patronato lhes pretendem roubar de novo.

Assim, são os operários da indústria Açucareira de Lisboa que, por intermédio de uma Comissão Conjunta representando a Refinaria Colonial, Sena Sugar e Trevo, elaboraram uma exposição que entregaram à direcção do Sindicato, onde, entre outros problemas de interesse para a classe, exigem aumento de salários. Sob a pressão da classe, a direcção do sindicato age em conjunto com a Comissão junto das respectivas empresas e autoridades, para solucionar a situação da classe.

foram obrigados a ceder, tendo distribuído dias depois 27 contos por 72 operários.

São os operários da Cerâmica de Vendas Novas que se levantam contra as 10 horas de trabalho diário a que estavam submetidos sem qualquer pagamento de horas extraordinárias. Seguindo a orientação que o «Avante!» nº. 103 lhes indicou, estabeleceram a Unidade e exigiram as 8 horas. O patrão foi obrigado a ceder.

São as operárias da Fábrica de Garrafas da Fonseca (Figueira da Foz) que, seguindo nas pisadas dos operários vidreiros da Marinha Grande, vão em Comissão junto do patrão pedir-lhe subsídio de desemprego enquanto a fábrica estiver parada.

São as operárias conserveiras da Fábrica Ramirez de Vila Real de Santo António que, morando longe da vila, por intermédio dum Comissão, exigem que o patrão forneça uma camioneta para as transportar ao trabalho e a casa, no que foram satisfeitas.

São os operários moçoiros de Faro que se dirigem em massa ao patrão a exigir aumento de salários.

São os operários da SAPEC de Setúbal, que exigem um comboio para os transportar à fábrica, visto no inverno chegarem encharcados ao trabalho e muitos deles não terem roupa para mudar. A gerência, mostrando o maior desprezo pelas necessidades dos operários, tentou não satisfazer esta justa reivindicação, mas perante a posição firme e unida dos operários, foi obrigada a ceder e, hoje os operários da SAPEC já não chegam encharcados ao trabalho.

São os operários da Fábrica Têxtil de Ferreira & Irmão de Vila do Conde que, depois de terem protestado contra a não distribuição do Abono de Família, fizeram uma concentração de 150 pessoas no Sindicato, exigindo que os seus filhos fossem empregados e não os de fora, por empobrecidos.

São os operários de Sacavém das fábricas de Loijas, das Lezírias, dos Amidos, da IRPAL, de Mobilias Olató e ainda os operários da Construção Civil, que por meio das suas respectivas Comissões de Unidade, obtêm aumentos de salários de 2500 a 3500.

São os operários da Secção de moagem de cortiça da Fábrica Bukland da Cova da Piedade que exigem aumento de salários. O aumento não foi concedido, mas foi estabelecido um bonus para os operários dos turnos que excedem a produção de 158 toneladas. Como tempos depois fosse retirado um turno deste trabalho, os dois que ficaram não receberam mais o bonus prometido. Por meio dum Comissão, os operários, exigiram o bonus que foi recusado e os operários responderam baixando a produção em mais de 30%.

Nalguns casos os aumentos não satisfizeram e a luta continua. São, enfim, os operários da Construção Civil de Évora que através da sua Comissão pediram junto do delegado do INT, revisão do Contrato Colectivo e aumento de salários. Foi prometido um aumento de 20%, mas no mesmo tempo foi exigida a Comissão que não fizessem assembleias no sindicato nem fossem ao INT.

Perante a firmeza e Unidade dos operários, os patrões chamaram a Comissão, pedindo-lhe para não baixarem a produção porque não sairiam a receber o bonus. A Comissão respondeu que os operários exigiam o estrazado. Os patrões

trabalhadores! Não é com a nomeação de Comissões Técnicas e de Indústrias, com ordenados chorudos e propaganda demagógica que se resolve a difícil situação económica que atravessamos e que se eleva no nível de vida do nosso povo. A solução destes problemas, está no poder dos trabalhadores. É pela LUTA e só pela LUTA que eles serão resolvidos. A experiência tem nos mostrado que lá onde se luta, o fascismo e o patronato recuam, são obrigados a ceder. Lá onde se não luta, a exploração é mais desenfreada e a miséria é maior. Por isso, há que organizar a LUTA e fortalecer a UNIDADE dos trabalhadores.

Há que continuar fazendo reuniões amplas nos Sindicatos Nacionais e nas fábricas para discutir a situação e encurar as medidas a tomar, que fazem os patrões com o consentimento e apelo das autoridades, e não confiar nas promessas do fascismo como fez a Comissão dos operários da Construção Civil de Évora agitando a imposição da não realização de assembleias. Aceitar e confiar nas promessas demagógicas do fascismo, é enfraquecer a luta dos trabalhadores. Há que ligar estreitamente a acção das Comissões de Unidade com as massas, insistindo nas assembleias e concentrações. Só assim se farão cumprir as promessas fascistas e se alcançará a satisfação das reivindicações.

AVANTE PELA MULTIPLICAÇÃO DE PEQUENAS E GRANDES LUTAS À ESCALA NACIONAL!

Entre os muitos problemas que o salazarismo se mostrou incapaz de resolver, encontra-se o da emigração. Sempre que, dentro do nosso país, o nosso povo não conseguiu anular o suficiente para viver, procurou recorrer à emigração como meio de salvação. Por isso, nas épocas de crise, ela tende a intensificar-se. Já há o barco que parte para portos estrangeiros, onde se não introduziu um ou mais passageiros clandestinos. É os que ainda conseguem dinheiro para a passagem, chegam ao porto de destino, nestas condições: «Chegou o Mousinho (filho de Janeiro) com mais um carregamento humano... um verdadeiro rebanho de mendigos andrajosos, sujos, cobertos de parasitas, na malícia analfabéticos.» (Diário de Notícias de 27/3/47).

AVANTE PELA MULTIPLICAÇÃO DE PEQUENAS E GRANDES LUTAS À ESCALA NACIONAL!

O SALAZARISMO E A EMIGRAÇÃO

Entre os muitos problemas que o salazarismo se mostrou incapaz de resolver, encontra-se o da emigração. Sempre que, dentro do nosso país, o nosso povo não conseguiu anular o suficiente para viver, procurou recorrer à emigração como meio de salvação. Por isso, nas épocas de crise, ela tende a intensificar-se. Já há o barco que parte para portos estrangeiros, onde se não introduziu um ou mais passageiros clandestinos. É os que ainda conseguem dinheiro para a passagem, chegam ao porto de destino, nestas condições: «Chegou o Mousinho (filho de Janeiro) com mais um carregamento humano... um verdadeiro rebanho de mendigos andrajosos, sujos, cobertos de parasitas, na malícia analfabéticos.» (Diário de Notícias de 27/3/47).

A chegada destes emigrantes a esses pontos, estava a ser o melhor testemunho do estado miserável em que vive o nosso povo e o desmentido categórico de tudo quanto este regime tem propagado há fora a respeito da nossa abundância. Esta situação não podia continuar para o salazarismo; por isso, ele resolveu criar através da emigração, um meio que ela precisava de ser regulamentada e de ser protegido o emigrante e a economia do país, encaminhando-a para os territórios do ultramar, o salazarismo suspendeu a emigração.

Mas tudo isto não passou de substituição, porque os fins eram outros. O que o salazarismo pretendia, principalmente, foi um maior controle da mesma, para impedir a saída de elementos contrários ao governo e não a protecção ao emigrante. Senão, vejamos:

Como trabalho preparatório para as futuras eleições, é necessário intensificar-se a elaboração das LISTAS DE UNIDADE e apresentar nas Assembleias Gerais. Na preparação dessas listas, deve participar o maior número possível de trabalhadores, de maneira que não se verifique a apresentação de mais do que uma LISTA DE OPOSIÇÃO como sucedeu nas últimas eleições em alguns sindicatos. Este trabalho reforçará e alargará a UNIDADE DA CLASSE OPERÁRIA, chamando à luta pela realização das eleições e interessando na escolha dos dirigentes sindicais—dentro do mais largo espírito de unidade—as mais vastas camadas dos trabalhadores.

Nas últimas levas de emigrantes, que foi nula; quanto a uma grande parte dos que se encontram lá de levas anteriores, estão a viver no mais completo abandono. Por outro lado, da Comissão nomeada para estudar o problema, fazem parte, entre outros, o adjunto da Administração Política e Civil do Ministério do Interior, Mário Matias e o tenente António Vieira de Castro Silva, inspector adjunto da Polícia Política de Salazar.

As Comissões Sindicais de Unidade das empresas e as Comissões de Coordenação Sindical de Unidade da Indústria, devem intensificar a sua actividade na mobilização dos trabalhadores para a realização prática destes tarefas.

incapaz de fomentar a produção no Continente, de forma a ocupar os milhares de braços que se vêem na necessidade de emigrar para encontrar ocupação, o salazarismo não vê outro meio senão impedir essa saída para que a sua reputação não fique abanada.

Entre tanto, estas manobras não devem ser senão o prelúdio dum ataque mais largo aos direitos sindicais dos trabalhadores, sendo possível que no aproximarem-se a data marcada para as eleições—à semelhança do que aconteceu em 1945—o fascismo saia por cima das suas próprias leis e, mais uma

vez, proíba a livre realização das eleições sindicais. Devemos, desde já encerrar medidas para fazer face a esta hipótese.

CONTRA TODAS AS MANOBRAS FASCISTAS É NECESSÁRIO REFORÇAR A FREQUÊNCIA AOS SINDICATOS, O APOIO ÀS DIRECÇÕES HONESTAS E A UNIDADE DA CLASSE OPERÁRIA.

Entre tanto, estas manobras não devem ser senão o prelúdio dum ataque mais largo aos direitos sindicais dos trabalhadores, sendo possível que no aproximarem-se a data marcada para as eleições—à semelhança do que aconteceu em 1945—o fascismo saia por cima das suas próprias leis e, mais uma

Atentos às manobras fascistas, mobilizemos as massas, para

As Eleições Sindicais

NO momento actual, em que uma nova crise, sem dívida de efeitos mais devastadores do que as precedentes, bate já à porta dos países cujos governantes pretendem continuar a manter-se dentro do quadro apodreado de regimes condenados pela história e a vida, o problema da utilização dos sindicatos para a defesa dos interesses vitais dos trabalhadores, coloca-se com toda a preminência.

vez, proíba a livre realização das eleições sindicais. Devemos, desde já encerrar medidas para fazer face a esta hipótese.

No nosso país, os efeitos da crise, agravada pela política antinacional do fascismo salazarista—tal como o nosso Partido tem assinalado—já se fazem sentir em algumas indústrias tudo indicando que, muito em breve, se alargará a outras. Como sempre o povo da crise recorre, na maior parte sobre os ombros dos trabalhadores, principalmente se eles não se apresentam numa frente suficientemente organizada e unida na defesa dos seus interesses. Os sindicatos, mesmo os Sindicatos Nacionais, são da maior importância para a organização e unificação desta frente de defesa. Por isso o fascismo manobra no sentido de voltar aos trabalhadores a possibilidade de utilização com maior liberdade os Sindicatos Nacionais e de elegerem para eles directores que sirvam os seus interesses e não os do fascismo.

A substituição de algumas direcções sindicais honestas por Comissões Administrativas, a possibilidade de os fascistas realizarem eleições à chucha caladas, deve-se, em primeiro lugar, ao facto de os trabalhadores se desinteressarem por vezes da vida dos sindicatos, não se apercebendo de que tal indiferença beneficiaria o patronato e o Estado fascistas. Este desinteresse é tanto mais incompreensível quanto é certo que, na quase totalidade dos sindicatos, os trabalhadores nem por isso deixam de ser obrigados a pagar as suas cotas não utilizando as possibilidades que, apesar de tudo, eles oferecem para a defesa dos seus interesses. Por outro lado, esse desinteresse enfraquece o apoio que os dirigentes sindicais honestos necessitam para tratar com proveito dos problemas que interessam à sua classe, ficando, por consequência, expostos às perseguições e ao ódio do fascismo.

Para parar a ofensiva fascista contra as direcções eleitas pelos trabalhadores e prestar um apoio mais efectivo aos dirigentes sindicais honestos, torna-se necessário que todos os operários se interessem mais pelos seus sindicatos, que os frequentem com mais assiduidade, que lhes dêem mais vida.

Sob o falso pretexto de que alguns sindicatos têm uma vida associativa absolutamente precária, sendo necessário reorganizá-los ou inventando pretensas infracções às leis corporativas, tem sido retirada a sanção às direcções de vários sindicatos e nomeadas, em seu lugar, Comissões Administrativas compostas por indivíduos dispostos a tratar os interesses dos trabalhadores, fazendo o jogo do fascismo e do patronato. O objectivo dos dirigentes fascistas ao nomearem Comissões Administrativas, com a pretensão com que o estão fazendo, não pode iludir ninguém. Com isso o fascismo pretende não realizar eleições em grande número de sindicatos visto que, como é sabido, os sindicatos em regime de Comissão Administrativa estão isentos do cumprimento dos estatutos.

A aproximação da época das eleições sindicais e a possibilidade de novas manobras fascistas coloca, também, um outro problema de interesse vital: o reforço e alargamento da unidade da classe operária com o objectivo de lutar para que, de acordo com as próprias leis fascistas, as eleições se realizem em todos os sindicatos mesmo nos sindicatos que estão em regime de Comissões Administrativas—dentro dos prazos fixados pelos estatutos.

Com isso o fascismo pretende não realizar eleições em grande número de sindicatos visto que, como é sabido, os sindicatos em regime de Comissão Administrativa estão isentos do cumprimento dos estatutos.

Como trabalho preparatório para as futuras eleições, é necessário intensificar-se a elaboração das LISTAS DE UNIDADE e apresentar nas Assembleias Gerais. Na preparação dessas listas, deve participar o maior número possível de trabalhadores, de maneira que não se verifique a apresentação de mais do que uma LISTA DE OPOSIÇÃO como sucedeu nas últimas eleições em alguns sindicatos. Este trabalho reforçará e alargará a UNIDADE DA CLASSE OPERÁRIA, chamando à luta pela realização das eleições e interessando na escolha dos dirigentes sindicais—dentro do mais largo espírito de unidade—as mais vastas camadas dos trabalhadores.

Entretanto, estas manobras não devem ser senão o prelúdio dum ataque mais largo aos direitos sindicais dos trabalhadores, sendo possível que no aproximarem-se a data marcada para as eleições—à semelhança do que aconteceu em 1945—o fascismo saia por cima das suas próprias leis e, mais uma

Entre tanto, estas manobras não devem ser senão o prelúdio dum ataque mais largo aos direitos sindicais dos trabalhadores, sendo possível que no aproximarem-se a data marcada para as eleições—à semelhança do que aconteceu em 1945—o fascismo saia por cima das suas próprias leis e, mais uma

Entre tanto, estas manobras não devem ser senão o prelúdio dum ataque mais largo aos direitos sindicais dos trabalhadores, sendo possível que no aproximarem-se a data marcada para as eleições—à semelhança do que aconteceu em 1945—o fascismo saia por cima das suas próprias leis e, mais uma

Entre tanto, estas manobras não devem ser senão o prelúdio dum ataque mais largo aos direitos sindicais dos trabalhadores, sendo possível que no aproximarem-se a data marcada para as eleições—à semelhança do que aconteceu em 1945—o fascismo saia por cima das suas próprias leis e, mais uma

Entre tanto, estas manobras não devem ser senão o prelúdio dum ataque mais largo aos direitos sindicais dos trabalhadores, sendo possível que no aproximarem-se a data marcada para as eleições—à semelhança do que aconteceu em 1945—o fascismo saia por cima das suas próprias leis e, mais uma

Entre tanto, estas manobras não devem ser senão o prelúdio dum ataque mais largo aos direitos sindicais dos trabalhadores, sendo possível que no aproximarem-se a data marcada para as eleições—à semelhança do que aconteceu em 1945—o fascismo saia por cima das suas próprias leis e, mais uma

Entre tanto, estas manobras não devem ser senão o prelúdio dum ataque mais largo aos direitos sindicais dos trabalhadores, sendo possível que no aproximarem-se a data marcada para as eleições—à semelhança do que aconteceu em 1945—o fascismo saia por cima das suas próprias leis e, mais uma

Entre tanto, estas manobras não devem ser senão o prelúdio dum ataque mais largo aos direitos sindicais dos trabalhadores, sendo possível que no aproximarem-se a data marcada para as eleições—à semelhança do que aconteceu em 1945—o fascismo saia por cima das suas próprias leis e, mais uma

Exigi a legalidade de TODOS os partidos antifascistas!



M O S C O V O

Símbolo da Liberdade e do Progresso

A 7 de Setembro, os povos da URSS comemoram a fundação de Moscovo, a cidade heróica que marcha na vanguarda da civilização e do progresso humano.

Moscovo, é o símbolo da resistência heróica e do amor inquebrantável pela Independência Nacional e pela liberdade dos povos da URSS, esperança e guia dos povos oprimidos e da humanidade progressiva.

Contra Moscovo, quebrou as suas orgulhosa água de Napoli e se desfezaram, em 1812, junto das manções geladas da Moscovia, os seus loucos sonhos de domínio mundial.

Contra Moscovo, se despedaçaram os esforços raiivos dos fascistas hitlerianos, cujas hordas foram esmagadas sem conseguirem manchar com a sua presença odiosa o solo sagrado da grande capital, glória e orgulho do povo soviético.

Contra ela se quer o presente e se quebrião no futuro, os loucos desígnios dos novos fascistas reacionários de todo o mundo, dos ateadores duma nova guerra, que pretendem de novo impor ao mundo regimes de opressão, de miséria e de obscurantismo.

A grandeza actual de Moscovo, foi construída durante séculos. Destruída várias vezes, a cidade ressurgiu, de novo, cada vez mais bela.

As transformações sofridas pela grande cidade, sobretudo nos últimos anos, depois da conquista do poder pelo proletariado, tornaram-na, não só o centro industrial, mais importante da URSS, como também uma das mais belas cidades do mundo.

O novo plano quinquenal, torna-a ainda mais grandiosa e bela.

Moscovo, é o centro político do mundo moderno. Em Moscovo, viveu e trabalhou Lênine, o génio da Revolução Proletária, o fundador do grande Partido dos Bolcheviques, dirigente e guia do proletariado mundial.

Em Moscovo, na Praça Vermelha, repousam os restos mortais do maior continuador da obra de Marx e Engels, cuja doutrina enriqueceu e desenvolveu com a experiência das três revoluções russas do século XX nas novas condições imperialisistas e na época da Revolução Proletária.

Em Moscovo, vive e trabalha Staline, o melhor discípulo o continuador da obra de Lênine, o grande dirigente da construção vitoriosa do socialismo na URSS, o inigualável capitão que levou a vitória o invencível Exército Vermelho e os povos soviéticos, livrando a humanidade do pesadelo nazifascista.

Foi em Moscovo, nesse inverno terrível de 1942, que Staline fez, perante o túmulo de Lênine o juramento sagrado de que a herança do camarada Lênine, o chefe dos bolcheviques, não seria perdida. Staline e os bolcheviques russos, têm cumprido com honra esse juramento.

Foi ainda em Moscovo — nas horas sombrias de Junho de 1941 — quando as hordas fascistas assolavam a Pátria socialista, que na tribuna, erguida na Praça Vermelha, junto do mausoléu de Lênine, Staline assegurou aos povos da URSS e do mundo inteiro que a civilização e a democracia seriam salvas e o fascismo esmagado. Staline e os povos da URSS, realizaram a sua promessa.

Perante a nova ofensiva das forças sombrias da reacção e do obscurantismo, Moscovo surge para os povos amantes da Paz e do Progresso como o símbolo de Liberdade, o centro do mundo progressivo, da democracia e da civilização mais avançada que a humanidade jamais conheceu. Em Moscovo, estão concentrados os melhores herdeiros de todos os valores progressivos da humanidade. Moscovo, é a moderna Atenas duma nova Grécia clássica, desta vez assente sobre a base sólida da técnica e da máquina.

Como Atenas, Moscovo será imortal.

A POLÍTICA ECONÓMICA RUINOSA DO SALAZARISMO CONTINUA

A política unilateral de importações seguida pelo salazarismo, sem qualquer medida de fomento sério para intensificar a produção nacional, nunca resolverá a crise em que nos encontramos, pelo contrário, levar-nos-á à ruína e à completa dependência do estrangeiro, como o P. Comunista desde há muito vem assinalando.

Com a sua política de importações, o salazarismo está esbanjando a riqueza acumulada, durante estes últimos anos, à custa da penosa poupança e miséria imposta ao nosso povo. No de Dezembro de 1946 a Junho de 1947, as reservas em ouro e outras disponibilidades do Banco de Portugal e no estrangeiro diminuíram em mais de um milhão e meio de contos. Nos primeiros 6 meses de 1947, só com a compra de automóveis ligeiros (na sua maior parte de luxo) gastamos 155.762 contos. Todavia, com a compra de todo o material ferroviário, em todo o ano de 1946, gastaram-se apenas 27.000 contos. Algumas fábricas da indústria têxtil nacional já começaram a diminuir a sua laboração. Contudo, só em 1946, importamos 163.000 contos de fios e tecidos vários que esta indústria poderia produzir. Com as importações de trigo, milho e batata, neste mesmo ano, dispendemos quase 600.000 contos; com

bacalhau, 171.400 contos; e com a 15.º nos primeiros 6 meses de 1947, já tínhamos gasto, 129.908 contos. Uma tal política desregada de importações e esbanjamento de riqueza, nunca salvará o salazarismo (como ele pretende) nem tão pouco o próprio capitalismo português. Esta política força, na verdade, a baixa nos preços das guas produtos agrícolas, mas a expensas da lavoura, porque os produtos industriais não baixaram na mesma proporção.

Escusado será dizer que, uma tal política conduzirá inevitavelmente a uma crise agrícola. A lavoura, que até aqui se encontrava a braços com grandes dificuldades, vê-las aumentar o que a obrigará a restringir ainda mais as suas já fracas possibilidades produtoras. Isto acarretará um maior desemprego entre os assalariados do campo, que a acatário por ficar sem colocação, pois o desenvolvimento industrial do país, quase paralizado também, não os absorverá. E com as massas assalariadas sem trabalho, cerra uma menor capacidade de compra, maior miséria e a inevitabilidade de uma crise geral em toda a economia do país com todas as suas consequências.

Uma tal crise, não será enfrentada nem resolvida com paleativos de importações ou com a abertu-

ra de algumas obras pelo país como o salazarismo demagogicamente através dos ministros da Economia e das Obras Públicas que fazer crer ao povo português. Esta tem raízes mais profundas. Por isso, exige medidas também muito mais profundas, para ser solucionada.

O problema só terá solução — como o P. Comunista desde há muito vem apontando — com o melhor aproveitamento dos recursos e riquezas, com a intensificação e melhoramento técnico em todos os ramos da economia nacional, coisa que este regime, em mais de 21 anos de poder, foi incapaz de realizar. A continuação do regime salazarista no poder será, por conseguinte, o continuar do esbanjamento da riqueza arruinada a miséria do povo; será a ruína do pequeno e médio comércio, do pequeno e médio proprietário agrícola, será o agravamento da presente crise que levará o país à ruína e à deserdem.

O povo português, só conseguirá salvar-se desta grave situação com o derubamento do salazarismo e com o estabelecimento de um Governo de Concentração Nacional capaz de levar por diante a grandiosa tarefa de aproveitar os necessários grandes recursos e riquezas que continuam abandonadas, enquanto o povo vive na maior miséria.

Wallace condena a política de Truman

Um dos seus últimos discursos Wallace voltou a condenar a política de Truman, neste ou noutras coisas, Wallace sugeriu que o presidente Truman convidasse Staline para um encontro em Berlim, como primeiro passo para garantir a paz do mundo.

No seu discurso, Wallace disse que as esperanças dos Estados Unidos no prestígio e na força das Nações Unidas deviam estar apoiadas na capacidade dos próprios Estados Unidos fazerem a paz com a URSS, salientando: «Podemos agir para descer o ferro e as cortinas com a União Soviética e manter as nossas fábricas em contínua operação, ou podemos continuar com a política de armar os inimigos políticos da Rússia e colher os resultados em depressão. Podemos inverter a nossa riqueza construtivamente em empréstimos a longo prazo, com juros baixos; ou podemos esbanjar a nossa riqueza no negócio improdutivo e perigoso de manufacturar e distribuir munições.

Esta segunda alternativa a que o Governo de Truman vem continuando a pôr em prática a inverção da grande riqueza dos Esta-

dos Unidos na manufactura e distribuição de armamentos entre os inimigos da União Soviética com o fim de uma nova guerra de agressão para domínio do mundo.

Toda a fraseologia de paz, empregada pelos actuais governantes dos Estados Unidos não passa, portanto, de pura mistificação para ludibriar os povos; porque os factos são bem patentes para demonstrar a realidade: a Grécia, a Turquia, a China, a Itália, a Espanha, Portugal, as Repúblicas Sul Americanas, etc., estão a ser intensamente recrutadas para servir de telas de ponte à penetração reaccionária e política do imperialismo americano.

O povo português que olhe bem para estes factos e que não se deixe arrastar por toda essa demagogia plañista e pseudo democrática que os actuais dirigentes americanos os querem impingir: uma política de forças, em lugar de cooperação que vem favorecendo o renascimento das forças agressivas fascistas contra as democracias e de incitamento a guerra contra a paz com fins a conquista da hegemonia mundial.

JÁ HÁ O AÇUCAR no meu copo...

NOTAS E COMENTÁRIOS

Os generos de primeira necessidade, a labeia, continuam a faltar ou aparecendo alguns, em muitos pontos do país, tanto e a mais horas. Mas o governo, para escapar ao povo, dá de açucar a quem mais abundância, não a 1880, mas a 1180. Que lura maneira de legalizar o aumento do preço da açucar! E diz o sr. Ministro, quando das greves dos operários das Construções e Reparções Navais: «Não estamos dispostos a consentir a alterações de preços que não tendam à baixa do custo geral da vida!»

PARAÍSO SALAZARISTA Como acontece habitualmente, os jornais diários de 6 de Agosto, noticiaram que a polícia encontrara nos terrenos do Parque Eduardo VII, um estado de deplorável miséria e gravemente doentes, Aveiro Esteves, de 47 anos e Sernam Soares, de 27. Um deles, declarou estar tuberculoso em período adiantadíssimo. A doença lhe outro é semelhante.

PROTECÇÃO AO LAR O sr. delegado do INT do Porto, é de opinião de que as mulheres devem ser retiradas...

das das fábricas e oficinas, como medida de protecção ao lar. Pretende mesmo acusar-lhas o patronato a não admitir novas operárias e a substituído lentamente as que tem ao serviço, por homens, para não evitar o triste espectáculo de crianças a vaguear pelas ruas durante o dia enquanto as mães trabalham.

Esquece lamentavelmente, este sr, que muitas são as mães que têm de trabalhar para sustentar os filhos, por serem só elas a cobrir a despesa da casa.

A QUEM AUMENTA OS SALÁRIOS Enquanto os trabalhadores reclamam aumentos salariais, os salazaristas vão aumentando os vencimentos ao alto funcionalismo.

Em 1945, dezasseite funcionários tinham vencimentos superiores a 600 contos-anois; 356 funcionários ganhavam 67.400 contos (média de 190.000).

É o número de funcionários com enormes ordenados tem aumentado, bem como os ordenados.

BELEZA DO CORPORATIVISMO Segundo o declarou 1.º deputado da «Assembleia Nacional», na sessão do ano corrente (Diário das Sessões, n.º 10), o regime da requisição de lousas conduziu a isto: a lousa era paga ao produtor a 60,90 a tonelada e vendida em Lisboa a 320,00; o Junta Nacional dos Produtos Pecuários, pagando pelo couro de cada animal abutido 300,00, vendia-o depois por 600,00.

A Lousa		Quantias recebidas dos Amigos do Partido		A. Proletários		
12.00	Escravos	Idem	10.00	400.00	campistas 37.50	
50.00	da terra	Jovens	105.20	26.00	Luz-branca 125.00	
10.00	Estrela Maria	Joven. livre	80.00	100.00	Maria José 20.00	
5.00	Nachado	Idem (E)	82.50	100.00	Odezza	45.00
2.00	Filhas de Avante	Idem (C)	174.00	100.00	Pro Povo	50.00
71.00	Léonie	Idem (D)	230.00	400.00	Cartuchos	320.00
30.00	Idem	Idem (E)	30.00	50.00	A.A. Kofa	5.00
35.00	Idem	Idem (F)	400.00	30.00	Abros	30.00
41.50	Pat. Pathlog	Idem (G)	30.00	200.00	A canchada	5.00
35.00	Gerónimo	Idem (H)	30.00	30.00	viçinha	7.50
70.00	Idem	Idem (I)	30.00	47.50	Acordos	10.00
10.00	Idem	Idem (J)	30.00	63.00	Affonso Cal	5.00
10.00	Idem	Idem (K)	30.00	45.00	Idem (L)	20.00
10.00	Idem	Idem (L)	30.00	20.00	Idem (M)	20.00
10.00	Idem	Idem (M)	30.00	40.00	Idem (N)	20.00
10.00	Idem	Idem (O)	30.00	30.00	Idem (P)	20.00
10.00	Idem	Idem (P)	30.00	30.00	Idem (Q)	20.00
10.00	Idem	Idem (R)	30.00	30.00	Idem (R)	20.00
10.00	Idem	Idem (S)	30.00	30.00	Idem (S)	20.00
10.00	Idem	Idem (T)	30.00	30.00	Idem (T)	20.00
10.00	Idem	Idem (U)	30.00	30.00	Idem (U)	20.00
10.00	Idem	Idem (V)	30.00	30.00	Idem (V)	20.00
10.00	Idem	Idem (W)	30.00	30.00	Idem (W)	20.00
10.00	Idem	Idem (X)	30.00	30.00	Idem (X)	20.00
10.00	Idem	Idem (Y)	30.00	30.00	Idem (Y)	20.00
10.00	Idem	Idem (Z)	30.00	30.00	Idem (Z)	20.00

PORTUGAL NO ESTRANGEIRO

Neste dia da Unidade dos Deputados do Brasil, de 6 de Agosto, teve lugar, no Anjo de Portugal, uma reunião com carácter político, cultural e técnico, em que se discutiu a situação da Comunidade Portuguesa, da União Brasileira e da situação da Comunidade Portuguesa em Portugal.

Esta reunião foi presidida pelo sr. Soares Ribeiro, e contou com a presença do sr. presidente da União Portuguesa, sr. Carlos Ribeiro, e do sr. presidente da Associação Brasileira dos Amigos do Portugal, sr. João de Deus. O sr. Soares Ribeiro fez um relatório sobre a situação da Comunidade Portuguesa em Portugal, e destacou a importância da participação dos portugueses na vida política e social do país.

ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS (CONCLUSÃO)

O Partido Comunista, contudo, não se deveu a uma discussão da escolha de um possível candidato ao Conselho de Regência, devendo deixar a responsabilidade e estabelecer acordos sobre esse ponto de vista, mas com a condição de que o próprio candidato escolhido se comprometa politicamente que se recusa a ser candidato com o presente momento da situação política portuguesa.

democráticas, da Democracia e de Portugal. Entretanto, não se deveu a uma discussão da escolha de um possível candidato ao Conselho de Regência, devendo deixar a responsabilidade e estabelecer acordos sobre esse ponto de vista, mas com a condição de que o próprio candidato escolhido se comprometa politicamente que se recusa a ser candidato com o presente momento da situação política portuguesa.